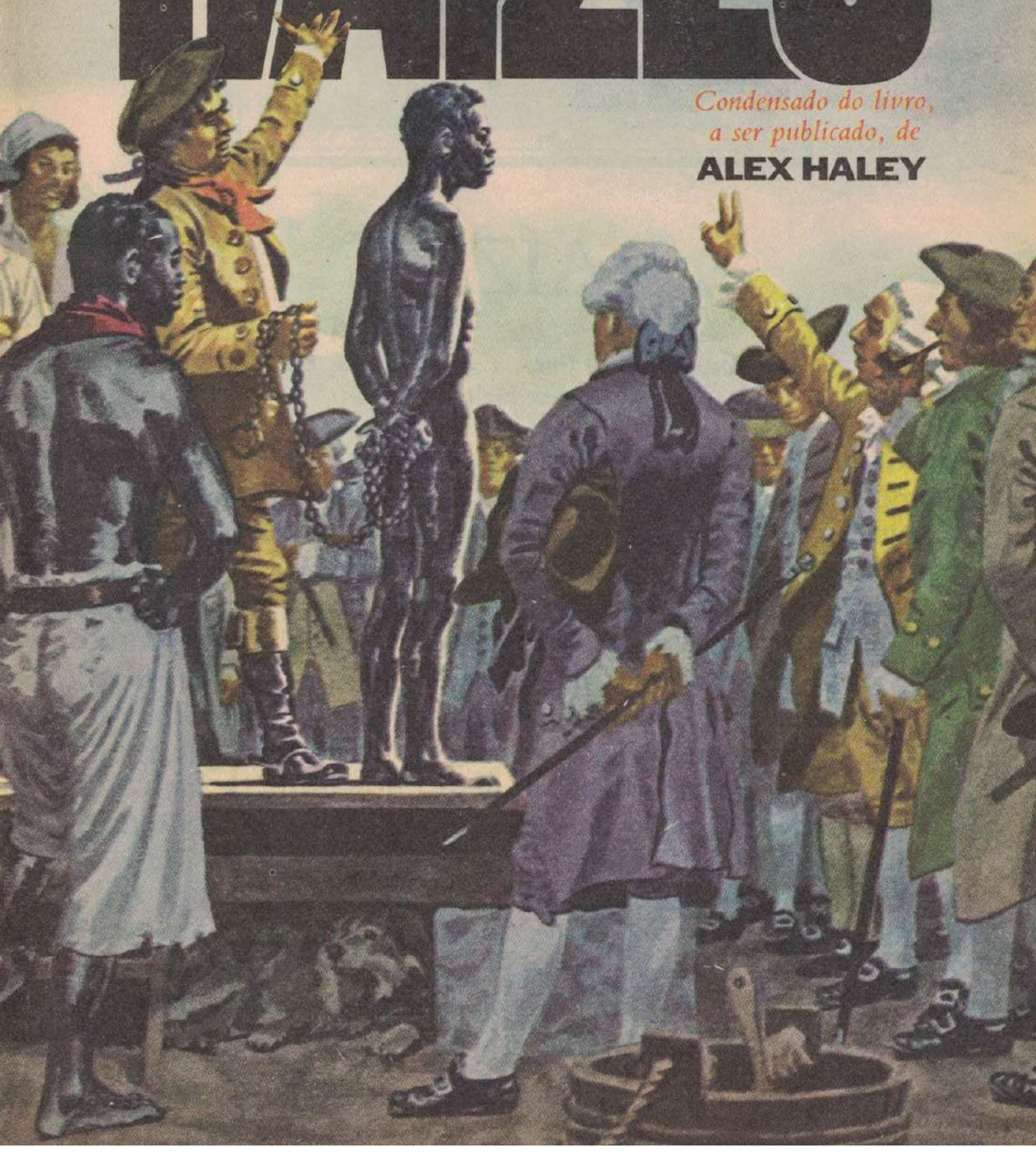


Seção de Livros – Parte II

RAÍZES

*Condensado do livro,
a ser publicado, de*
ALEX HALEY





RAÍZES

*condensado do livro, a ser publicado, de
Alex Haley*

Há mais de uma década, Alex Haley empenhou-se na longa e árdua tentativa de descobrir suas raízes ancestrais. Como a maior parte dos negros norte-americanos, tinha poucos pontos de partida – não mais que tênues pistas transmitidas oralmente a ele na infância. Mas à medida que prosseguia em suas pesquisas, na busca de um maior sentido de identidade, começaram a encaixar-se as peças de seu antigo quebra-cabeça familiar. A história que por fim emergiu retrata não somente a dor de um homem, mas, de modo muito real, a épica jornada do negro norte-americano.

Na primeira parte de *Raízes*, que apareceu no último número de *Seleções*, Haley recriou a infância de seu antepassado africano Kunta Kinte, sua captura em 1767 por traficantes de escravos e a provação de sua viagem através do Atlântico num navio negreiro. A segunda parte traz o jovem Kunta ao estranho e cruel mundo da escravidão, tal como ela existiu na América dos tempos coloniais.

O PEQUENO barco *Lord Ligonier* chegou ao largo da Virgínia em setembro de 1767 e entrou na forte corrente da baía de Chesapeake, para uma viagem de quatro dias até seu porto de matrícula, Anápolis. Sob o convés, num mundo miserável de sujeira, pio-lhos e doenças, ia um carregamento de 98 negros, os enfraquecidos remanescentes dos 140 escravos que entraram a bordo, quando o barco se fez ao mar em Gâmbia, na África Ocidental.

Mergulhados na fétida escuridão, tremendo de medo – renovado agora que sabiam aproximar-se o país do *toubob* (o branco) –, os homens acorrentados não abriam a boca. Seu silêncio permitia-lhes ouvir mais nitidamente o madeirame do navio estalando, o surdo bater do mar contra o casco e os passos pesados e ruidosos dos *toubob* lá em cima, no convés. Durante os dois meses e três semanas no mar, a dança interminável do navio tinha obrigado os corpos dos homens a roçar contra as tábuas toscas sobre as quais iam estendidos, até que nádegas e ombros ficassem sangrando e cheios de feridas.

Num dos compartimentos preparados para acolher os negros estava Kunta Kinte, então com 17 anos. Em sua aldeia nativa de Juffure, tinha um nome estimado, o nome de seu avô, santo homem que havia alcançado fama duradoura, orando a Alá cinco dias e cinco noites a fio, para acabar com uma seca e salvar Juffure da fome.

As costas de Kunta, como as dos outros, estavam em carne viva da viagem e haviam sido marcadas a fogo, antes da partida, com as iniciais do barco, LL. Como os outros, ele havia sofrido terrivelmente com as chicotadas dos *toubob* e com as inúmeras doenças e parasitas. Como a maior parte dos companheiros, tinha também suplicado constantemente a Alá que acabasse com aquele tempo de horror.

No quarto dia, depois de terem avistado terra, os negros foram brutalmente empurrados ao convés, para uma esfregadela final com escovas grossas; depois, foram friccionados com certo óleo, até ficarem bem negros e luzidios. Quando, por fim, o barco atracou, fracos, doentes, trêmulos de medo, eles começaram a descer, sob o constante estalar dos chicotes, pela prancha de desembarque, para a terra dos *toubob*. O impulso de fuga surgiu veemente em Kunta, mas as chicotadas dos *toubob* mantinham em perfeita ordem aquela fila de homens acorrentados.

À medida que arrastavam os pés, uns atrás dos outros, por entre a multidão que gesticulava e escarnecia, Kunta percebeu alguns *toubob* muito bem vestidos, observando com expressões de repugnância os negros acorrentados. Incrédulo, viu um *toubob* de cabelo cor de palha, e, em seguida, dois pretos, inegavelmente um homem de tribo mandinga e um serere. Caminhavam atrás de um *toubob* com rostos inexpressivos. Kunta surpreendeu-se:

como podiam negros seguir assim tão docilmente atrás dos *toubob*?

Os homens foram levados para uma grande casa quadrada, feita de barro cozido, com grades nos poucos espaços abertos dos lados. Num vasto compartimento, prenderam seus pulsos e tornozelos, como os de seus companheiros, em espessas grilhetas de ferro que, por sua vez, estavam acorrentadas a cavilhas chumbadas nas paredes. Aterrorizado, Kunta deixou-se cair no chão frio de terra e suplicou a Alá que o salvasse.

Quando a noite caiu (ele podia ver as estrelas através das barras de ferro ao seu lado), acalmou-se um pouco e começaram a surgir-lhe pensamentos dispersos, como sombras num sonho. Estremecendo, lembrava o descuido que havia levado à sua captura, quando procurava fora da aldeia um pedaço de madeira para fazer um tambor; e o pesadelo da viagem, pelas águas do *bolong* até o lugar onde os esperava a grande canoa dos *toubob*. Embora nem mesmo desejasse a lembrança desse lugar detestável, não podia deixar de pensar em seu pai, Omoro, em sua mãe, Binta, e em seus três irmãos mais novos. Então, começou a soluçar.

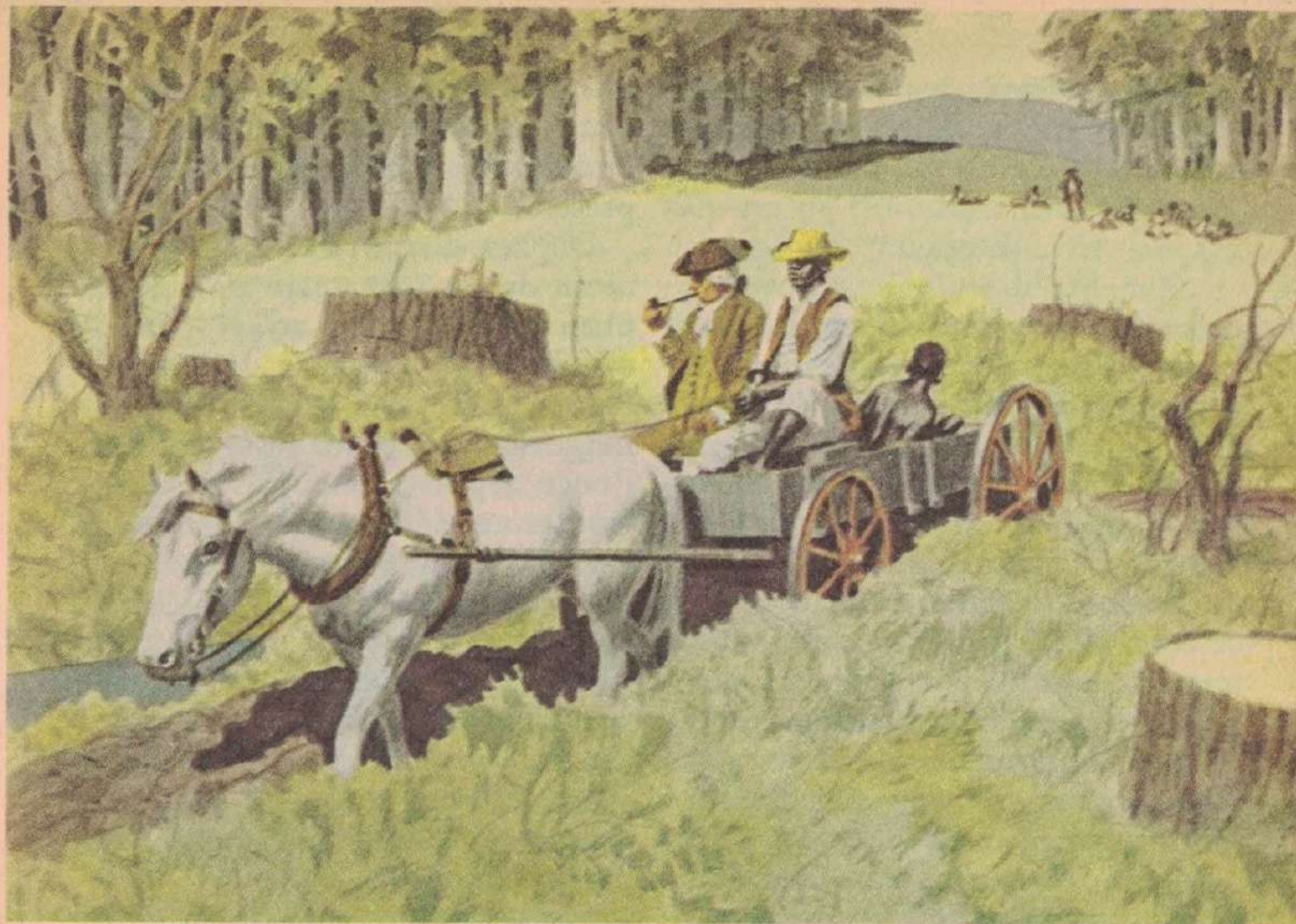
Aproximava-se o alvorecer. Kunta se apercebeu disso, quando lhe veio à cabeça a voz aguda de seu mestre, o *kintango*: «É sábio o homem que estuda e aprende com os animais.» Seria uma mensagem de Alá? Ele se sentia como um animal na armadilha. Ele sabia de alguns

bichos que haviam conseguido fugir das armadilhas, não por se enfurecerem, mas por conservarem cuidadosamente seu vigor, até o momento oportuno. Assim, também, devia ele dar a entender aos *toubob* que tinha perdido toda a esperança.

Através da pequena janela de grades, Kunta contou seis dias e seis noites. Três vezes por dia, um preto estranho vinha trazer a comida. Kunta obrigava-se a engoli-la, sabendo que isso lhe daria forças. No sétimo dia, depois da refeição matinal, vieram quatro *toubob*. Dois ficaram à entrada da porta, com espingardas e porretes, enquanto os outros o libertaram das grilhetas. Numa fila de seis homens acorrentados, Kunta foi atirado para fora, para a luz intensa do sol.

«Recém-colhidos das árvores!... Espertos como macacos!» Um homem, aos gritos, estava numa plataforma baixa de madeira, dirigindo-se à multidão. O nariz de Kunta sentiu repugnância pelo odor intenso dos *toubob*, quando ele e seus companheiros foram puxados através daquela massa de gente. Libertaram-no então dos outros e ele foi empurrado para a plataforma.

«De primeira qualidade, jovem e desempenado!» O *toubob* estava de novo gritando. Paralisado de terror, Kunta mal podia respirar. Outros *toubob* passavam perto dele. Com bastões curtos e cabos de chicote, eles afastavam seus lábios para olharem os dentes, cerrados. Cutucavam-lhe todo o corpo, as costas, o peito, os órgãos genitais; depois re-



cuavam uns passos e, em meio à tagarelice do homem que falava, também começaram a gritar estranhamente: «Trezentos dólares! Trezentos e cinqüenta!»

Seguiram-se mais sons estranhos, até que Kunta ouviu: «Oitocentos e cinqüenta!» Quando ninguém mais disse nada, o pregoeiro soltou-o da corrente e entregou-o a um *toubob* que se tinha aproximado. Viu então, atrás do *toubob*, um negro com nítidos traços da tribo wolof. *Meu irmão, vens de meu país...* O negro, porém, parecia nem sequer se aperceber de Kunta. Puxou com força sua corrente, para que este o seguisse aos tropeções, com o que começaram a atravessar a multidão.

Pararam junto a uma espécie de caixa sobre rodas por trás de um grande animal – o primeiro cavalo que Kunta tinha visto em toda a sua vida. O negro pegou o escravo pela cintura e atirou-o dentro da caixa.

Kunta ouviu o ruído da extremidade livre de sua corrente sendo presa em algo à frente da caixa. O negro e o *toubob* subiram ao assento, e o cavalo começou a puxar a caixa, afastando-se cada vez mais da imensidade de água que, a uma grande distância para o lado de onde nasce o sol, banhava a terra onde Kunta nascera. De novo lhe pareceu ouvir uma voz, desta vez de um ancião da aldeia, sentado junto à fogueira em Juffure: «Ninguém, na verdade,

conhece a terra dos *toubob*, pois nunca ninguém voltou de lá para descrevê-la.»

Fuga

À MEDIDA que a caixa seguia, rangendo, Kunta levantou-se e pôde ver aquilo que lhe pareceu os campos dos *toubob*. Num, reconheceu pés de milho com as espigas já colhidas; em outro, viu figuras de trabalhadores negros guardados por um *toubob*. Passaram por uma fila de cerca de 20 pretos, acorrentados uns aos outros por grilhetas nos pulsos e vigiados por um *toubob* a cavalo. Os homens cantavam tristemente, mas os sons não faziam sentido para Kunta.

Quando anoiteceu, a caixa desviou-se para uma pequena estrada e parou junto a uma grande casa branca. Kunta viu ali vários negros, e a esperança renasceu nele assim que o *toubob* começou a afastar-se em direção da casa. Iriam os negros libertá-lo agora? Eles, porém, nada fizeram, e Kunta perguntava a si mesmo, com um sentimento de raiva, que espécie de negros eram aqueles que procediam como gado dos *toubob*.

Dormiu no chão, preso a uma estaca. De manhã, mal teve tempo de fazer suas preces a Alá, inclinado para leste, pois logo se puseram novamente a caminho. O que ele via e ouvia era muito semelhante ao do dia anterior. Por duas vezes mais, avistou, sempre distantes da estrada, grandes casas brancas dos *tou-*

bob. Perto delas, espalhavam-se cabanas de toros de madeira e terra, onde Kunta depreendeu viverem os pretos.

Depois do pôr-do-sol, no terceiro dia, a caixa saiu da estrada principal. Olhando através da escuridão que o luar iluminava, Kunta pôde ver a brancura fantasmagórica de outra casa grande. Pouco depois a caixa parou. O *toubob* desceu, falou com o negro e entrou na casa. A caixa rangeu em direção a umas pequenas cabanas e deteve-se de novo. Kunta ouviu o ruído de abrir-se daquilo em que sua corrente estava presa. O negro desceu, aproximou-se da borda da caixa, e, com um só e poderoso braço, fez Kunta sair pelo lado, para o chão.

Nesse instante, Kunta, que era menor que ele, voou-lhe em cima, agarrando-o pela garganta com mãos que eram como queixadas de hiena. O preto soltou um grito abafado e começou a dar murros e a arranhar a cara e os braços de Kunta. Mas as mãos deste apertaram cada vez mais forte, até que o homem tombou para trás, inanimado.

Levantando-se de um pulo, Kunta fugiu, assustado, para o lado onde via, sob a tênue luz da lua, uma floresta à distância. Corria curvado, esmagando os pés de milho cobertos de geada. Seus músculos, há longo tempo inativos, gemiam de dor, mas o ar forte e frio era bom, e ele exultava com o prazer de ser livre de novo. Chegou à floresta e nela se embrenhou, abrindo cami-

nho aos tropeções, através de espinheiros e trepadeiras, cada vez mais distante, até que de súbito irrompeu numa clareira. Sentiu um choque quando percebeu que havia chegado a outro largo campo e a outra casa branca.

Correu de volta à parte mais densa da floresta, com os pés nus cortados e sangrando. Depois, engatinhando, arrastou-se para a vegetação cerrada e aí passou a noite. Quando o dia amanheceu, ajoelhou-se e, voltado para o Oriente, orou a Alá.

Kunta ouviu, primeiro, o ladrido fundo dos cães à distância. O som aproximava-se cada vez mais e, agora, além do ladrido dos cães, começou a ouvir berros de homens. Precipitadamente atirou-se pelos espinheiros, mas, quando ouviu um tiro dos *toubob*, apavorou-se e deixou-se cair num emaranhado de roseiras bravas.

Dois cães surgiram do mato, rosnando e tentando mordê-lo. Procurou afastá-los com as mãos, enquanto se esgueirava como um caranguejo. Ouviu homens gritando à entrada do bosque. De novo, um tiro. Os cães, sempre a rosnarem, recuaram.

Vários homens, munidos de facas e paus, correram em sua direção. Kunta reconheceu o negro a quem havia apertado o pescoço. Tinha um aspecto sanguinário. Atrás, estavam *toubob* de rostos avermelhados e suando do esforço. O preto adiantou-se, desenrolando uma corda. Um forte golpe na cabeça de

Kunta prostrou-o. Amarraram-lhe os braços ao corpo e, arrastando-o com violência por uma corda, levaram-no da floresta, através de um campo, até uma árvore. Aí, lançaram a corda por cima de um galho e o preto puxou-a até que seus pés mal pudessem tocar o chão. Um chicote dos *toubob* começou a fustigar-lhe as costas. Kunta contorcia-se de dor, recusando gritar, mas cada chicotada parecia cortá-lo ao meio. Acabou berrando, mas as chicotadas continuaram e ele perdeu os sentidos.

Quando voltou a si, tinha os braços e as pernas afastados; estava acorrentado pelos tornozelos e pulsos a quatro fortes estacas nos cantos de uma pequena cabana. O menor movimento provocava-lhe dores cruciantes. Por isso, deixou-se ficar completamente imóvel, com a face úmida de suor, respirando com dificuldade. Maldizia-se a si mesmo por não ter esperado mais tempo, como um animal prudente o teria feito. Havia falhado, pensou, porque tinha tentado a fuga cedo demais.

A tribo perdida

NA QUINTA manhã, pouco depois de ter soado a corneta para se levantarem, entrou o negro trazendo duas pesadas grilhetas de ferro, atadas a uma curta corrente. Curvando-se, prendeu-as em seus tornozelos; só depois desprende as outras correntes. Puxando Kunta com brutalidade para o pôr de pé,

começou a bater-lhe com o dedo no peito, lançando estranhos sons: «Tu, Toby!» Kunta não entendia. Olhava para ele, mudo.

O preto bateu em seu próprio peito. «Eu, Sansão!» exclamou. Seu dedo tocou de novo em Kunta. «Tu, To-by! Sinhô diz teu nome To-by!»

Pouco a pouco, Kunta entendeu o que ele queria dizer e sentiu a raiva inundá-lo. Queria gritar ao preto: «Sou Kunta Kinte, primeiro filho de Omoro, que é filho do santo homem Kairaba Kunta Kinte!»

O preto levou Kunta para fora, até uma grande tina de estanho, onde havia água para ele se lavar. Atirou-lhe depois algumas roupas dos *toubob*, para cobrir o peito e as pernas, e um chapéu de palha amarelado. Seguindo o homem chamado Sansão, Kunta foi levado para uma rápida volta pelos arredores. Os pretos viviam em dez cabanas, dispostas em duas filas, feitas de toros de madeira e revestidas de terra avermelhada.

Numa delas, uma mulher idosa deu-lhe comida; depois, Sansão fez-lhe sinal com a cabeça em direção aos campos distantes. Caminhou para lá e Kunta seguiu-o, arrastando suas grilhetas de ferro. À medida que se aproximava, pôde ver pretos cortando pés de milho, enquanto mulheres e rapazes mais novos os apanhavam.

No campo, um *toubob* aproximou-se, montado num grande cavalo, e trocou breves palavras com Sansão, que pegou um facão e cor-

tou alguns pés de milho. Voltando-se, fez sinais a Kunta para apanhá-lo. O *toubob* aproximou-se com o cavalo, de chicote em riste. Enfurecido por nada poder fazer, Kunta curvou-se e começou a apanhar os pés cortados.

Nos dias seguintes, ele se esforçou por fazer o que se lhe exigia; mas, por trás de seu aspecto inexpressivo, tudo observava. Aprendeu que estava num lugar chamado condado de Spotsylvania, Virgínia. Os pretos chamavam «sinhô» o *toubob* que o tinha trazido para aquele lugar. Na grande casa branca onde o patrão morava havia uma *toubob* chamada «sinhá». Kunta a tinha visto uma vez à distância. Era uma criatura magra, da cor da barriga de um sapo. Nos campos, Kunta aprendeu que havia «milho». Depois de cortarem e empilharem todos os pés, os pretos começaram a colher umas coisas grandes e redondas, que chamavam «abobras», e eram postas numa «carroça» e levadas para um «barracão».

Aquilo que mais o interessava e intrigava, porém, era o comportamento dos outros pretos. À noite, Kunta sentava-se à entrada de sua cabana, com as pernas estendidas para aliviar a dor das grilhetas, enquanto os outros adultos se sentavam calmamente em bancos de pau, em torno ao fogo, diante da cabana da velha cozinheira. O espetáculo enchia-o de melancolia, lembrando-lhe as fogueiras de Juffure, à noite.

Normalmente, a mulher que cozinhou na casa grande era a pri-

meira a falar. Imitava coisas que o patrão e a patroa tinham dito, e Kunta ouvia os outros quase sufocando para conterem o riso, com receio de serem ouvidos na casa dos brancos.

Depois, o riso baixava e os pretos falavam simplesmente entre si. Kunta ouvia o tom atormentado, débil, de alguns, e a cólera mais amarga de outros, mesmo sem conseguir perceber o que diziam. Por fim, a conversa extinguia-se, uma das mulheres começava a cantar e

todos se juntavam a ela. Kunta não entendia as palavras, mas sentia a profunda tristeza das melodias.

Eram negros pagãos, selvagens; até comiam carne de porco imundo. No entanto, faziam coisas que eram inegavelmente africanas, e Kunta veio a descobrir que eles não tinham a mínima consciência disso. Toda a vida tinha ouvido em Juffure os mesmos sons de exclamações espontâneas, cortadas com os mesmos gestos e expressões do rosto. A maneira como moviam o corpo era



a mesma, assim como seu modo de rir quando estavam juntos.

Como tinha aquela gente ido parar ali? Kunta não podia imaginar o que lhes teria acontecido, para destruir assim suas recordações, de modo a agirem resignados, complacentes, arreganhando os dentes ao «sinhô» e ao «feitô».

Pensava que talvez fosse porque nunca tivessem conhecido uma aldeia nativa na África. Já haviam nascido negros naquele lugar; eram uma tribo como que perdida.

Refletiu sobre tudo o que via e ouvia e não podia compreender nem aceitar. Todas as noites, antes de vir o sono, jurava a seus antepassados que haveria de fugir; que preferia morrer a se tornar igual a um daqueles pretos.

Cruel escolha

O TORNOZELO esquerdo de Kunta acabou por se infeccionar a tal ponto, com o contínuo roçar da argola, que o capataz mandou tirar-lhe as grilhetas. Solto e incapaz de esperar mais, Kunta fugiu nessa noite, mas Sansão apanhou-o a pequena distância de sua cabana.

Bateram-lhe e deram-lhe pontapés, mas não foi chicoteado nem preso nas correntes. Em breve fugiu de novo, depois de ter caído do céu aquilo que os negros chamavam de «neve». Montado num dos grandes cavalos da fazenda, o feitor apanhou-o seguindo as marcas deixadas na fina camada branca. Desta vez, foi chicoteado e acorrentado.

No entanto, sabia que na primeira oportunidade tentaria de novo.

Passaram-se as luas, os campos foram lavrados e começaram as várias sementeiras da primavera, principalmente as de milho e de uma coisa chamada «algodão». Kunta foi libertado de suas correntes e, aguardando uma oportunidade propícia, fazia o que lhe mandavam, arrancando ervas daninhas entre as plantas. Quando começaram as colheitas, Kunta notou que apareciam carroças cada vez mais freqüentes nas estradas distantes, levando algodão para o mercado. Imaginou então que a maneira de fugir seria esconder-se numa carroça que o conduzisse para longe.

Sua cabeça estava rebentando de cheia com a preparação do plano. Desistiu de utilizar as carroças de algodão da fazenda em que trabalhava. Havia sempre alguém vigiando. Tinha de ser uma das que vira à distância, andando pela estrada principal.

Uma noite, sob pretexto de ir ao alpendre, estudou a estrada. A luz trêmula das lanternas, avançando vagarosamente pelo caminho, revelou-lhe que as carroças viajavam tanto de noite quanto de dia. Em outra noite, conseguiu matar um coelho com uma pedrada. Secou-o como tinha aprendido a fazer em Juffure; depois, afiou muito bem uma velha faca enferrujada que tinha achado e fez um cabo de madeira para ela. Fez também um *safo* (amuleto) com uma pena de galo para atrair os espíritos, uma crina de

cavalo para dar-lhe força e o ossinho da sorte de uma ave, para assegurar-lhe sucesso – tudo embrulhado e cosido num pedaço quadrado de aniagem.

Certa noite, meteu num bolso os pedaços secos do coelho e prendeu o *safo* bem seguro na parte superior do braço direito. De nervos tensos, à escuta por detrás da porta de sua cabana, ouviu os habituais sons noturnos dos outros negros. Por fim, seu canto dolente cessou. Quando teve certeza de que estavam dormindo, Kunta pegou a faca que fizera e saiu furtivamente.

Não vendo nem sentindo ninguém por perto, agachou-se e começou a correr. No ponto onde a estrada da fazenda desembocava na estrada principal, escondeu-se numa moita. Daí a pouco, ouviu uma carroça. Pareceu-lhe uma eternidade antes que sua luz trêmula surgisse. Mas, por fim, ela estava ali diante dele. Na frente, sentadas, iam duas pessoas, mas atrás não havia vigia. De dentes cerrados e músculos palpitantes, Kunta pulou do mato, agachou-se atrás da carroça que gemia e, quando esta deu um solavanco num buraco, atirou-se para dentro dela.

A noite era sua amiga; ele escondeu-se no algodão e ninguém o descobriu. Quando alvoreceu, deixou a carroça e desapareceu rápido no mato rasteiro.

Era agradável sentir as gotas de orvalho que caíam. Brandindo sua faca como se ela não tivesse peso, abriu caminho penetrando com ra-

pidez pela vegetação que supunha ser de uma grande floresta. De tarde, mastigou um pedaço de coelho seco, regado com água. Continuou andando até depois do pôr-do-sol; fez então uma cama com folhas e capim.

De manhã, prosseguiu seu caminho. Não sabia onde estava nem para onde ia, mas apenas que tinha de fugir. Se continuasse em direção ao sol nascente, acabaria chegando à grande canoã. E depois? Kunta sentia a incerteza crescendo dentro de si... e o medo. Com frequência, orava a Alá e tocava em seu *safo*.

Perambulou quatro dias pela floresta, sem nada ouvir a não ser sapos, aves e insetos. Na manhã do quinto dia, porém, foi despertado pelo som que mais temia: o ladrar dos cães. De um pulo, pôs-se de pé e saiu correndo. Viu então que tinha esquecido a faca. Voltou e procurou angustiosamente por entre as trepadeiras e a folhagem, mas não conseguiu encontrá-la. O latido dos cães aproximava-se cada vez mais. Encontrou uma pedra quase do tamanho de seu punho, apanhou-a e correu desesperado, tropeçando e caindo.

Os cães de caça acuraram-no no princípio da manhã seguinte. Cansado demais para continuar, esperou encostado a uma árvore. Com a mão esquerda, pegou um sólido galho; sua mão direita parecia uma garra, envolvendo a pedra. Os cães ficaram fora do alcance de sua arma improvisada, latindo e espumando, até que apareceram dois *toubob* a ca-

valo. Kunta nunca os tinha visto antes. Eram caçadores profissionais de escravos.

O mais velho desceu do cavalo e dirigiu-se para Kunta com um porrete numa das mãos e um chicote na outra. Quando o *toubob* se aproximou, Kunta atirou a pedra. Ouviu o *toubob* gritar e viu correr-lhe sangue da cabeça.

Em seguida, os dois homens aproximaram-se, com paus e espingardas. Viu em suas expressões que ia morrer, mas isso não o perturbou. Agrediram-no até o deixarem quase inconsciente, mas ele debateu-se e gritou, enquanto lhe tiravam a roupa e o amarravam ao tronco de uma árvore. Kunta preparou-se para ser espancado até a morte.

De repente, o *toubob* que sangrava parou de bater. Em seu rosto aflohou uma expressão, quase um sorriso, e disse algumas palavras ao mais jovem, que assentiu com a cabeça. Este foi junto do cavalo, tirou um machado da sela e entregou-o ao companheiro.

O que sangrava ficou parado diante de Kunta. Apontou para os testículos de Kunta; depois para a faca de caça que trazia no cinto. Apontou para o pé de Kunta; depois para o machado que tinha na mão.

Kunta entendeu. Ele devia escolher: seu pé ou seus testículos. Algo lá no fundo de sua medula lhe bradava que um homem, para ser homem, deve ter filhos. Sem querer, suas mãos voaram num gesto de proteção a seus órgãos genitais.

Os *toubob* riam. Um deles colocou um cepo debaixo do pé direito de Kunta e o outro prendeu o pé à árvore, com tanta força que toda a fúria do jovem não podia libertá-lo. Então, o *toubob* que sangrava pegou no machado.

Kunta gritou e debateu-se. O machado ergueu-se no ar, caiu depois e separou-lhe a metade dianteira do pé. À medida que o sangue esguichava, o corpo de Kunta caía inanimado.

Uma mulher chamada Bell

QUANDO voltou a si, viu que estava em outro lugar: numa cabana. Tinham-no amarrado pelos pulsos e tornozelos, com o pé direito apoiado em qualquer coisa macia.

Entrou um *toubob* alto, com uma maleta preta. Kunta nunca o tinha visto. Enxotando as moscas, o *toubob* debruçou-se sobre Kunta e fez algo que lhe provocou tais espasmos de dor que este gritou como uma mulher. «Bell!» chamou o homem. Entrou uma negra, pequena, robusta, trazendo água numa lata. O *toubob* tirou qualquer coisa de sua maleta preta e dissolveu-a na água. A preta ajoelhou-se e inclinou um copo para Kunta beber. Tinha um sabor estranho aquela bebida. Daí a pouco, Kunta caiu num sono profundo.

Quando acordou, compreendeu que estava muito mal. Todo o lado direito de seu corpo parecia entorpecido, seus lábios ardiavam de febre e o suor cheirava a doença. Sem que-

rer, fez um esforço para dobrar os dedos do pé. Isso provocou-lhe dor atroz. A porta abriu-se e a negra entrou de novo. Abaixou-se e comprimiu um pano frio e úmido contra sua fronte.

Na visita seguinte, a mulher tentou fazer que ele comesse. Estava ainda mais debilitado que na semana anterior, quando Bell, que servia a refeição do meio-dia, fora chamada às pressas para ajudar a tirar da carroça seu corpo sangrento. O xerife tinha mandado que os caçadores de escravos o entregassem ao Dr. William Waller, irmão do dono de Kunta. O médico, que era o patrão de Bell, tinha ficado lívido quando soubera da mutilação.

Bell cobriu o peito nu de Kunta com um emplastro forte, acre, de folhas de sabugueiro fervidas, misturadas com enxofre. Depois, colocou panos úmidos sobre o emplastro e cobriu Kunta com mantas.

Quando este voltou a despertar, sentiu que a febre havia baixado. Perguntou a si mesmo onde a mulher tinha aprendido a fazer aquilo. Era precisamente como os remédios de sua mãe, Bitá — as ervas da terra de Alá, herdadas dos antepassados.

Sua dor tornava-se menos intensa, salvo quando o *toubob* alto vinha fazer o tratamento diário do pé. Um dia, Kunta foi solto das estacas e conseguiu apoiar-se nos cotovelos. Passou horas olhando as ataduras que protegiam o coto do pé. Durante a maior parte de suas 18 chu-

vas (a maneira de dizer 18 anos em Gâmbia, com base numa estação pluviosa anual), ele tinha corrido e subido em árvores quanto quisesse. Parecia monstruoso que um *toubob* lhe cortasse o pé.

Deu largas à sua fúria e humilhação, quando a negra veio alimentá-lo, resmungando em mandinga e atirando fora o copo depois de beber. Então, ficou ali, ainda mais furioso, recordando que os olhos da mulher tinham parecido acender-se ao vê-lo em cólera.

Passadas três semanas, o *toubob* tirou-lhe as ataduras. Kunta quase gritou quando viu a metade inchada de seu pé coberta com uma fina crosta de cor marrom. O *toubob* salpicou alguma coisa sobre a ferida, pôs-lhe umas ataduras pouco apertadas e saiu. Três dias depois, voltou com dois paus resistentes com as extremidades superiores em forma de forquilha. Kunta já tinha visto pessoas feridas andarem com eles em Juffure.

Assim que o *toubob* foi embora, Kunta levantou-se a custo e experimentou as muletas. Conseguiu fazer alguns movimentos vacilantes, para frente. Quando Bell trouxe sua primeira refeição, na manhã seguinte, os olhos de Kunta notaram de relance a satisfação do rosto dela ao ver as marcas no chão de terra. Kunta olhou-a com ar severo. Recusou tocar na comida antes de Bell sair, mas depois comeu com apetite, para recuperar energias. Dentro de poucos dias, andava mancando à vontade pela cabana.

O violinista

À NOITE, naquela fazenda, os negros se reuniam na última cabana da senzala, ocupada por um *sasso borro*, um homem de cerca de 50 chuvas que tinha a pele morena, o que indica que seu pai era branco. Escutando com atenção à porta de sua cabana, Kunta ouviu o mulato falando quase sem parar. Por vezes, os outros desatavam a rir. De vez em quando, choviam sobre ele as perguntas. Kunta gostaria muito de saber quem ele era.

Certo dia, quando Kunta passava mancando, o mulato fez-lhe sinal para se sentar num-banco junto de sua cabana. Kunta sentou-se em frente do homem.

«Ouvi dizê qui 'ocê é muito danado», começou ele. «Sorte não te matarem! Lei diz quarqué um que pegue 'ocê fugindo, pode matar 'ocê; lei diz cortá sua oreia se branco dissé qui 'ocê mentiu. Lei num dexe ensiná nego lê, escrevê. Lei num dexe nego tocá batuque, essas coisas da África...» Seja como for, não importava que Kunta não pudesse entendê-lo. Um sentimento de alegria nasceu nele, porque na realidade alguém estava falando com ele diretamente — e aquele homem simplesmente adorava falar. Kunta pensava que, se ele tivesse vivido na África, seria um *griot* errante, desses que contavam a história dos antigos reis e dos clãs.

Pela noite adentro, sem dormir, com seu espírito debatendo-se em conflitos, Kunta lembrava algo que

seu pai dissera uma vez, quando se recusara a entregar a seu irmão Lamin uma manga para ele comer um pedaço. «Quando você fechà sua mão», disse Omoro, «ninguém pode pôr nada nela.» Mas ele sabia também que seu pai não gostaria que ele se tornasse igual àquela outra gente negra.

«Óia aqui!» exclamou o mulato de repente, certa tarde. «'Ocê, 'ocê é Toby!» O rosto de Kunta enraiveceu-se. «Kunta Kinte!» gritou alto, admirado consigo próprio. Eram as primeiras palavras que dirigia a alguém, em mais de um ano que estava na terra dos *toubob*.

O mulato franziu as sobrancelhas, com ar de desaprovação. «'Ocê é Toby! 'Ocê tem de esquecê essas coisa da África! Gente branca num gosta e assusta os nego tamém.» Olhou em volta e pegou num objeto de madeira, de forma estranha, com seu braço escuro e esguio. «Viulino!» exclamou.

A sós com o outro, Kunta decidiu repetir o som. «Viulino...», pronunciou, hesitante.

O mulato começou a apontar outros objetos, «barde... cadera... paia de mio...», e Kunta repetia. Depois de uma porção de palavras, o mulato resmungou: «'Ocê né tão burro como parece.»

As lições continuaram. Com o tempo, Kunta conseguiu não apenas compreender, mas ser compreendido pelo mulato, que gostava de ser chamado de «violinista».

Certo dia, um negro de nome Gideon, que fazia arreios para cava-

los e calçado para os pretos, trouxe uns sapatos especiais para Kunta. Um deles tinha a parte da frente cheia de algodão. Kunta calçou-os. Sentiu uma sensação dolorosa no meio do pé direito, quando se pôs a caminhar com todo o cuidado pela cabana, mas acabou por assentar nele todo seu peso e sem sofrer tanto como havia pensado. Achava que ia ter de andar para sempre de muletas.

Nessa mesma semana, o violonista ouviu Luther, o cocheiro preto, dizer que o médico *toubob* era agora o dono de Kunta. Explicou a este cuidadosamente a notícia. «Luther diz sinhô ganhô 'ocê do irmão dele, que era seu dono antes. Nego daqui acha ele sinhô bão», continuou o violinista, «já vi pió; nenhum presta.»

Por essa época, Kunta começou a fazer um calendário, pondo pequenas pedras numa cabaça. Pelas suas contas, havia passado 12 luas na primeira fazenda dos *toubob* e, assim, pôs 12 pedrinhas na cabaça. Depois mais seis, num total de 18 luas desde que ele chegara à terra dos *toubob*. Juntando as 18 luas às suas 17 chuvas, quando fora trazido de Juffure, Kunta calculou que estaria então em sua 19.^a chuva.

«Acabou a guerra»

POUCO depois, Kunta foi informado por um preto velho que cultivava uma pequena horta: «Sinhô pôs 'ocê trabaiano cumigo.» Mostrou a Kunta como arrancar as ervas

daninhas e tirar os bichos do tomate e da batata. Quando o lavrador, velho e fraco, adoeceu, Kunta passou a cuidar da horta sozinho.

Chegou a estação da neve; os outros pretos estavam em crescente excitação ao aproximar-se um dia chamado «Natal». Tratava-se de algo como cantar, dançar e comer. Kunta ouviu dizer que o Natal também dizia respeito ao Alá dos *toubob* e dos pretos. Isto tornou-o inquieto, e, durante os dias de festa, não deixou sua cabana, nem mesmo para visitar o violinista.

Para Kunta chegou a primavera, e depois o verão, com dias quentes e suarentos, durante os quais se esforçava por lavar, semear e cultivar a horta, além de fornecer verduras a Bell, que era cozinheira na casa grande. À noite, ficava cansado demais, e só queria jogar-se no colchão de palha de milho, com as roupas molhadas de suor, e dormir. Assim passaram as estações. Vez por outra, ainda pensava em fugir, mas esse instinto era sempre reprimido pela terrível lembrança do que tinha acontecido.

Quando veio a colheita, começaram os trabalhos do outono, falou-se de novo no Natal. Naquele Natal, pressentia Kunta, Alá não se importaria se ele apenas observasse o que se passava. Mas o muçulmano Kunta ficou deveras chocado, quando assistiu à preparação do licor de maçãs fermentadas. Considerava repugnante que jovens negros se divertissem aproximando do fogo bexigas de porco secas,

presas em varetas, até elas rebentarem. Sentiu particular repugnância quando Bell, perto de um panelão de ferro preto, tomava conta do cozido de focinho de porco e feijão-fradinho para o «Ano Novo de mil setecentos e setenta».

«Fucinho de porco e feijão é boa sorte!» exclamava o violinista, com a boca cheia. Kunta sentia náuseas. Sentado no banco, em sua cabana, atormentava-o a idéia de estar-se habituando, pouco a pouco, às maneiras dos outros pretos. No entanto, queria conhecê-los melhor, o violinista, o velho jardineiro e a cozinheira Bell.

Um dia, impulsivamente, Kunta confidenciou a Bell que ela parecia uma mandinga. Disse isso para agradá-la, e ficou surpreso com sua reação: «Que bestera 'ocê tá dizeno? Num sei pur que os branco continua despejano navio cheio de nego como 'ocês da África!»

Depois disso, Bell não abriu a boca durante alguns dias, até que, numa manhã de março de 1770, ela chegou correndo à horta toda excitada. «O xerife foi imbora! Ele falô pru sinhô da grande luta lá no norte, num lugá chamado Boston! Sinhô ficô doido.» Pouco depois, o cocheiro Luther trouxe mais notícias. «A gente de Boston ficô tão furiosa com o rei que mora do outro lado do mar que resorveu matá seus sordado que estão aqui. Depois, os sordado começaro atirano. Morreu primero um nego chamado Crispus Attucks! 'Tão chamano isso de 'Massacre de Boston'.»

A partir de então, Luther trazia notícias regulares dadas por escravos, moços de cavalaria e outros cocheiros com quem falava, a respeito da luta contra a Grã-Bretanha. Raro era o dia em que os trabalhadores do campo não ouviam, de uma plantação vizinha, ou de um escravo que passasse numa mula, um canto monótono, melodioso, arrastando-se: «Yuuu-huuu-ha-huuu! Não ouve minha voz chamano?» O trabalhador mais próximo do campo ia correndo informar-se dos últimos acontecimentos e vinha contá-los aos outros.

Com o correr do tempo, continuavam a chegar, em fragmentos, notícias do que estava acontecendo «lá no Norte». À medida que Kunta ia enchendo sua cabaça-calendário de pedras, procurava compreender aquilo tudo. Tornava-se cada vez mais evidente que os *toubob* estavam tendo um conflito com o rei *toubob*. Kunta interessava-se de modo especial por aquilo que eles chamavam de «liberdade». Tanto quanto pôde saber pelo violinista, isso significava não ter senhor, fazer o que se queria e ir para onde se quisesse. No entanto, não compreendia por que os brancos precisavam falar em liberdade.

A notícia mais excitante chegou em fins de 1775. Lord Dunmore, governador real da Virgínia, tinha concedido liberdade aos escravos que servissem em sua frota e ajudassem o rei *toubob*. Pouco depois, o patrão Waller chamou Bell à sala. Por duas vezes, leu-lhe pausada-

mente uma notícia da *Gazette* da Virgínia. Ordenou-lhe, depois, que fosse ela mesma «ler» essa notícia aos escravos, explicando-lhes o que significava. Dizia o jornal que a assembléia da Virgínia tinha decretado «... morte sem assistência religiosa a qualquer negro ou outro escravo que conspirasse em rebelião.»

«Que é que é isso?» perguntou um homem do campo.

«Qué dizê», elucidou o violinista secamente, «que si nós revortá, os branco matá nós sem piedade.»

No verão seguinte, houve mais alvoroço, quando Luther regressou da sede do condado com a notícia de que «os branco tá tudo alegre, dançando e rino pur causa di uma tar de Declaração de Independência.»

O velho jardineiro abanou a cabeça.

«Isso prá nós tanto faiz. Com rei ou sem ele, tudo é branco.»

Em 1778, Bell trouxe a notícia de que estavam prometendo a liberdade aos escravos que fossem para o exército como tocadores de pífaro ou «pioneiros». Alguém perguntou o que significava «pioneiros», e o violinista respondeu: «É sê empurrado na frente prá morrê!» Mais tarde, quando Bell contou que dois estados, a Carolina do Sul e a Geórgia, não permitiam que os escravos se alistassem, o violinista teve pronta réplica: «Essa foi a única coisa boa que já ouvi deis!»

Em maio de 1781, chegou a espantosa história de que soldados ingleses a cavalo haviam destruído a plantação do «sinhô» Thomas Jef-

erson. Depois, Luther contou que o exército do «sinhô» George Washington estava chegando para salvar a Virgínia. «Tem nego assim lá!» Em outubro desse ano, o exército atacou o general inglês Cornwallis, em Yorktown, e, em breve, chegou uma notícia que pôs toda a senzala gritando: Cornwallis se rendera.

«A guerra acabô! Tamô livre!» contou Bell. «Sinhô disse que vai tê paiz agora.»

«Num vai tê paiz nenhuma», replicou o violinista, com seu jeito mal-humorado. «Óia bem o que eu digo: Prá nego, vai ser pió que era.»

Conversa de escravos

POUCO depois de acabar a guerra, Luther ajudou uma escrava a fugir. Descobriram-no e venderam-no em leilão. Kunta tomou o lugar de Luther como cocheiro, e esse novo trabalho alargou muito seu mundo. Levando o Dr. Waller em suas visitas, foi a plantações de toda a região, viu brancos pobres, chegou às cidades vizinhas.

Por vezes, o «sinhô» Waller convidava um amigo para ir com ele; então, as costas rígidas de Kunta davam a falsa impressão de que ele ia alheado da conversa. Os dois *toubob* conversavam como se Kunta não existisse. Era raro os brancos viajarem juntos sem exprimirem os receios, que se avolumavam na região, de conspirações e revoltas dos escravos. «Nunca devíamos ter deixado que eles pegassem em ar-

mas contra os brancos durante a guerra. Agora, aí está o resultado!»

O «sinhô» Waller prosseguiu, dizendo que lera a ocorrência de mais de 200 levantes e desordens de escravos, desde que os primeiros navios negreiros tinham chegado. «Além disso», acrescentou, «vi mortes de brancos que... bem, não vou entrar em pormenores. Direi só que me pareceram suspeitas.»

Kunta, de fato, sabia tanto ou algo mais a esse respeito. Com frequência, os pretos reuniam-se em segredo. Em seu condado, tinha ouvido falar de vários que haviam jurado matar seu patrão ou sua patroa. Tinha conhecimento de mosquetes escondidos e já ouvira rumores de revoltas em preparo.

A mais segura fonte de informações de Kunta, especialmente sobre lugares remotos, era quando o patrão estava na capital do condado de Spotsylvania e acontecia chegar uma mala-postal. Logo depois que os sacos de correio e os pacotes da *Gazette* da Virgínia eram descarregados, dezenas de patrões, comerciantes e outros *toubob* juntavam-se em grupos, falando e soltando exclamações. Quase sempre Kunta estava a distância de escutar.

Seus ouvidos enchiam-se com o furor e a consternação dos *toubob* em face do crescente número de *quakers* que, segundo notícias publicadas na *Gazette*, ficavam encorajando os pretos a fugir, e, mais recentemente, haviam começado a ajudar, a esconder e a levar tais fugitivos para a liberdade, no Norte.

De regresso à fazenda, Kunta contou o que tinha visto e ouvido, com toda a senzala reunida na cabana do violinista e a ouvi-lo com a máxima atenção. Bell acrescentou que tinha acabado de ouvir o «sinhô» Waller e seus convidados num jantar falando da notícia de que, recentemente, se abolira a escravatura num estado do Norte, chamado Massachusetts, e ainda rumores de que outros estados vizinhos iriam fazer o mesmo.

«Que é que é isso?» perguntou um homem do campo.

O velho jardineiro explicou: «Qué dizê que um dia nós tudo vai sê livre!»

Mão de pilão

NA PRIMAVERA de 1788, Kunta tinha 38 chuvas de idade. Na África, pensava ele, já estava casado e teria nessa altura três ou quatro filhos. A idade adequada da noiva devia ser de 14 a 16 chuvas, como em Juffure. Não tinha visto nenhuma preta dessa idade na terra dos *toubob* que não achasse absurdamente ridícula ou tola.

De fato, a única mulher que conhecia bem era Bell, que já passava talvez das 40 chuvas. Ela também infundia pouco respeito aos homens e falava muito.

Kunta não esquecia, no entanto, que, quando estivera à beira da morte, Bell o havia tratado e alimentado, e atalhado sua febre. Sempre cozinhou coisas boas, pisando o milho a mão, embora o

pilão e o soquete que usava não dessem tão boa farinha como os feitos de madeira de lei pelos habitantes de Juffure.

Durante dias, Kunta refletiu — tudo passando e repassando em seu espírito. Uma noite, depois de alimentar os cavalos, pegou num velho cepo de nogueira que tinha sido jogado fora, levou-o para a cabana e pôs mãos à obra. Em sua lembrança viu o pilão e o soquete feitos por Omoro e que sua mãe tornara luzidios de tanto usar.

Sempre que tinha alguns momentos livres, sentava-se na cabana, desbastando com cuidado um cepo de nogueira com sua machadinha; fazia nascer a forma rude de um pilão. Depois, passou a esculpi-lo. Uma vez acabada a peça, encontrou um galho de nogueira já seco, bem reto e da grossura de seu braço, do qual logo fez a mão, perfeitamente adaptada ao fundo do pilão. Alisou a parte de cima, desbastando-a primeiro com uma lima, depois com uma faca e, por fim, com um pedaço de vidro.

Acabado o trabalho, levou mão e pilão para a porta da cozinha de Bell e pousou-os nos degraus. Ouvindo o ruído da madeira ao bater, Bell voltou-se e viu Kunta afastar-se coxeando. Examinou seu caprichoso trabalho de entalhe, e ficou profundamente comovida. Era a primeira vez na vida que um homem fizera qualquer coisa para ela com suas próprias mãos. Na verdade, Bell não estava sequer segura de que fosse realmente para ela.

Quando Kunta voltou à tarde, para ver se o patrão precisava dele, Bell deixou escapar: «Que é isso?» — e apontou para o presente.

Muito embaraçado, Kunta respondeu, quase zangado: «Pr'ocê pisá mio.»

Durante as duas semanas que se seguiram, além dos cumprimentos habituais, nenhum dos dois disse mais nada. Um dia, Bell ofereceu a Kunta um bolo de milho feito com farinha certamente moída no pilão. Resmungando, levou o bolo para sua cabana.

Depois disso, os dois viam-se cada vez com mais freqüência e, embora em regra fosse Bell quem falasse, Kunta sentia-se cada vez mais atraído por ela. Uma manhã, em agosto de 1789, Bell convidou Kunta para jantar com ela em sua cabana. Kunta nada disse, mas, depois do trabalho, lavou-se bem, servindo-se de um pedaço de tecido e um escuro sabão de barrela. Quando se vestia com cuidados, percebeu que estava cantando em surdina uma canção de sua aldeia: «Mandumbe, teu longo colo é lindo...» Bell não tinha longo colo, mas isso não importava.

A cabana de Bell era, da senzala, a que ficava mais próxima da casa grande. O cômodo em que ele entrou, quando Bell abriu a porta, tinha um ar acolhedor, com sua parede de traves de carvalho calafetadas com barro e um fogão de tijolos feitos a mão. Havia duas janelas e dois quartos, um deles separado por cortinas. Numa mesa, no centro do

quarto principal, Bell tinha colocado uma jarra com flores de seu jardim. No fogo, assava uma galinha e fazia torta de maçã, de que, ela sabia, Kunta gostava muito.

Quando Bell convidou de novo Kunta para jantar, cozinhou coisas que ele tinha dito serem também cultivadas em Gâmbia: feijão-fradinho e um cozido feito de amendoim e inhame assado com manteiga. Ela pisava a farinha dos bolos com o pilão que Kunta lhe dera, e este podia imaginá-la moendo grãos em Juffure.

Uma noite, quando foi lá mais uma vez jantar, Kunta ofereceu a Bell uma esteira que fizera de junco, com um desenho mandinga no centro. «Ninguém num vai pô os pé em cima disso!» exclamou Bell. Levou-a para o quarto de dormir e voltou logo. «Isto era pru seu Natá, mas vô fazê otra coisa quarqué...»

Kunta recebeu seu presente. Uma das meias, muito bem tricotadas, tinha meio pé, com um chumaço de lã na parte da frente. Nem ele nem Bell pareciam saber o que dizer. Kunta sentiu uma estranha emoção. A mão de Bell procurou a sua e, pela primeira vez em suas 39 chuvas, uma mulher lhe encheu os braços.

Primogênita e Fá

COM AUTORIZAÇÃO do patrão Waller, Kunta e Bell «saltaram a vassoura», num casamento de escravos, na véspera do Natal de 1789. A cerimônia foi muito sim-

ples, na cabana de Bell, com todo mundo da senzala presente. Eles deram-se os braços e saltaram com solenidade por cima de um cabo de vassoura estendido no chão. Foi tudo.

Depois, houve festa e alegria. Kunta notou, um tanto contrafeito, que Bell estava gostando do vinho e da aguardente que o patrão tinha mandado de presente. Uma vez, ele a tinha ouvido segredar a uma amiga: «Mana Mandy, há dez anos que boto o olho nele!» Ficou envergonhado.

Kunta, porém, acabou por não ligar e, na primavera de 1790, quando Bell anunciou que estava grávida, ele se sentiu cheio de alegria. Em sua imaginação, já via o rostinho de um garoto olhando de dentro do berço de pano pendurado nas costas de Bell.

A criança nasceu em setembro. O «sinhô» Waller esteve na cabana com Bell mais de duas horas. Kunta esperava do lado de fora, ouvindo os gemidos de Bell aumentarem e transformarem-se em gritos, cortando o silêncio da senzala, antes de ouvir o choro de uma criança. Depois, apareceu o «sinhô» Waller. «Ela sofreu muito», disse, «mas vai ficar boa. Pode entrar agora e ver sua filha.»

O coração de Kunta sofreu um abalo. Uma filha! Entrou na cabana. Bell estava estendida, em repouso; seu rosto cansado esboçava um leve sorriso. Kunta beijou-a e, durante muito tempo, ficou a olhar para a filha. Tinha um ar bem mandinga.



Kunta pensou que não podia desaparecer durante sete dias, como faria um novo pai em Juffure, a fim de escolher um nome significativo para a criança. Tinha de decidir-se por um sem demora.

Nessa noite, quando passava pelos caminhos onde tinha namorado Bell, lembrou-se de que ela lhe falara de seu maior desgosto. Antes dos 20 anos, tinha casado, mas seu marido havia sido morto numa tentativa de fuga, deixando-a com dois

filhos. Suspeitando dela, o patrão a tinha vendido, sem as crianças. «Duas filhinhas qui num vi mais», dissera Bell. «Num faço idéia onde elas tão, nem si tão viva!»

Pensando nisso, Kunta escolheu um nome; em mandinga queria dizer: «Fique aqui.» Não revelou a Bell o nome, pois, por tradição de sua tribo, deveria ser a criança a primeira a ouvir seu próprio nome.

Na noite imediata, apesar dos protestos de Bell, Kunta levou a filha, bem embrulhada num cobertor, para o ar fresco do outono. A pouca distância da senzala, levantou a criança e murmurou três vezes no seu ouvido direito: «*I to mu Kizzy leh.*»

(«Teu nome é Kizzy.») Levantando uma banda do cobertor, descobriu o rostinho negro em direção à lua e às estrelas, e disse em voz alta as palavras que uma vez, numa aldeia em Gâmbia, lhe tinham sido ditas: «Olha, a única coisa maior do que tu mesma!»

Bell ficou indignada quando ouviu o nome. «Kizzy? Ninguém nunca ouviu esse nome! Só vai servir pra trazê compricação.» Kunta, porém, explicou seu significado e

ela enterneceu-se. No dia seguinte, foi registrada na grande Bíblia preta do «sinhô» Waller: «Kizzy Waller, nascida a 12 de setembro de 1790.»

Kizzy era uma criança bela e cheia de vida. À medida que os anos passavam, Kunta começou a ensinar-lhe palavras em mandinga. «Fá!» dizia Kunta, apontando para si mesmo, e ficou emocionado quando a criança, por fim, repetiu a palavra. À medida que Kizzy crescia, ensinou-lhe palavras mais complicadas: seu nome, Kunta Kinte, Kamby Bolongo (que, em mandinga, queria dizer rio Gâmbia) e Juffure. Falou-lhe também de seu pai, Omoro, de seus irmãos, e do clã dos Kinte, até as épocas remotas do antigo Mali.

Contou a Kizzy como havia sido capturado e como o tinham levado para aquela terra de brancos. Descreveu-lhe a aldeia de Juffure. Contou-lhe histórias e mais histórias estendendo-se em incidentes há muito esquecidos. Ela aprendia depressa; tinha boa memória. Kunta estava muito contente. «Você vai ter filhos», disse-lhe ele. «Eles devem saber por você de onde vieram.»

Esta terra cruel

O MUNDO estava realmente mudando. Quando Kizzy tinha três anos, foi inventada a separadora de sementes de algodão; e, quando ela chegou aos dez anos, essa máquina já havia alterado o modo de vida tradicional em todo o país.

Em 1802, a separadora de sementes estava tornando cada vez mais rendosas as vastas plantações de algodão nas regiões interiores do Sul. Os mercadores de escravos percorriam as estradas, perguntando a todos os proprietários se tinham alguns para vender, e bandos de negros eram encaminhados para o Sul, com destino às terras negras do Mississípi e do Alabama. Bell contou na senzala que o «sinhô» dissera que nunca venderia nenhum escravo, a não ser que estes desrespeitassem alguma de suas leis. Kunta lembrou-se do cocheiro Luther. Agora, que tinha Bell e Kizzy como razão para viver, faria tudo para não criar problemas.

No entanto, num ano (em 1806, quando Kizzy tinha 16 anos), levaram só para dois estados mais de 20 mil negros: a Geórgia e a Carolina do Sul. Os escravos atingiam preços jamais alcançados. Mesmo uma criança de poucas semanas valia 200 dólares.

Numa manhã desse ano, o xerife do condado veio falar com o «sinhô» Waller. Mandaram Bell sair da cozinha enquanto o xerife conversava com o patrão, e ela viu instintivamente que algo estava errado e que, de algum modo, aquilo lhe dizia respeito. Momentos antes do almoço, o «sinhô» Waller chamou-a.

Sua voz estava tensa e irritada, quando contou a Bell o que o xerife lhe dissera. Haviām capturado um trabalhador rural moço que tinha fugido. Quando lhe bateram, con-

SEU FUTURO ESTÁ NA ELETRÔNICA!

A OCCIDENTAL SCHOOLS garante seu preparo mediante um Curso MODERNO, PRÁTICO E FÁCIL!

Esta Escola de renome lhe oferece um Curso NOVO, MODERNO E FÁCIL sobre: ELETRO-NICA-RÁDIO-TELEVISÃO, (TRANSISTORES, ALTA FIDELIDADE, TELEVISÃO EM CORES, etc.)

Escola dedicada EXCLUSIVAMENTE desde 1947 ao ensino de

ELETRO-NICA,
RÁDIO,
TELEVISÃO

e suas ramificações.

KIT 1
CONJUNTO DE PRÁTICA TRANSISTORIZADO

KIT 2
JOGO DE FERRAMENTAS ELETRÔNICAS

KIT 3
INJETOR DE SINAIS

KIT 4
MULTÍMETRO DE PRECISÃO

KIT 5
RECEPTOR TRANSISTORIZADO DE 4 FAIXAS

KIT 6
RECEPTOR DE TELEVISÃO P/ CINESCÓPIO DE 30 cm

KIT 7
COMPROVADOR DINÂMICO DE TRANSISTORES (PRÊMIO DE FORMATURA)

OS MAIS MODERNOS KITS

V. RECEBE TUDO ISTO PARA PRATICAR

A "OCCIDENTAL SCHOOLS" fornecerá todos os elementos necessários para que seus ideais sejam realizados em pouco tempo!
Não vacile, abrace uma profissão rendosa, interessante e de grande futuro!

OCCIDENTAL SCHOOLS, Depto.
Caixa Postal 30.663

01000 - SÃO PAULO - SP

Queira enviar-me GRÁTIS seus dois catálogos em roto-gravura sobre "O FUTURO DA ELETRÔNICA"

Nome _____

Endereço _____

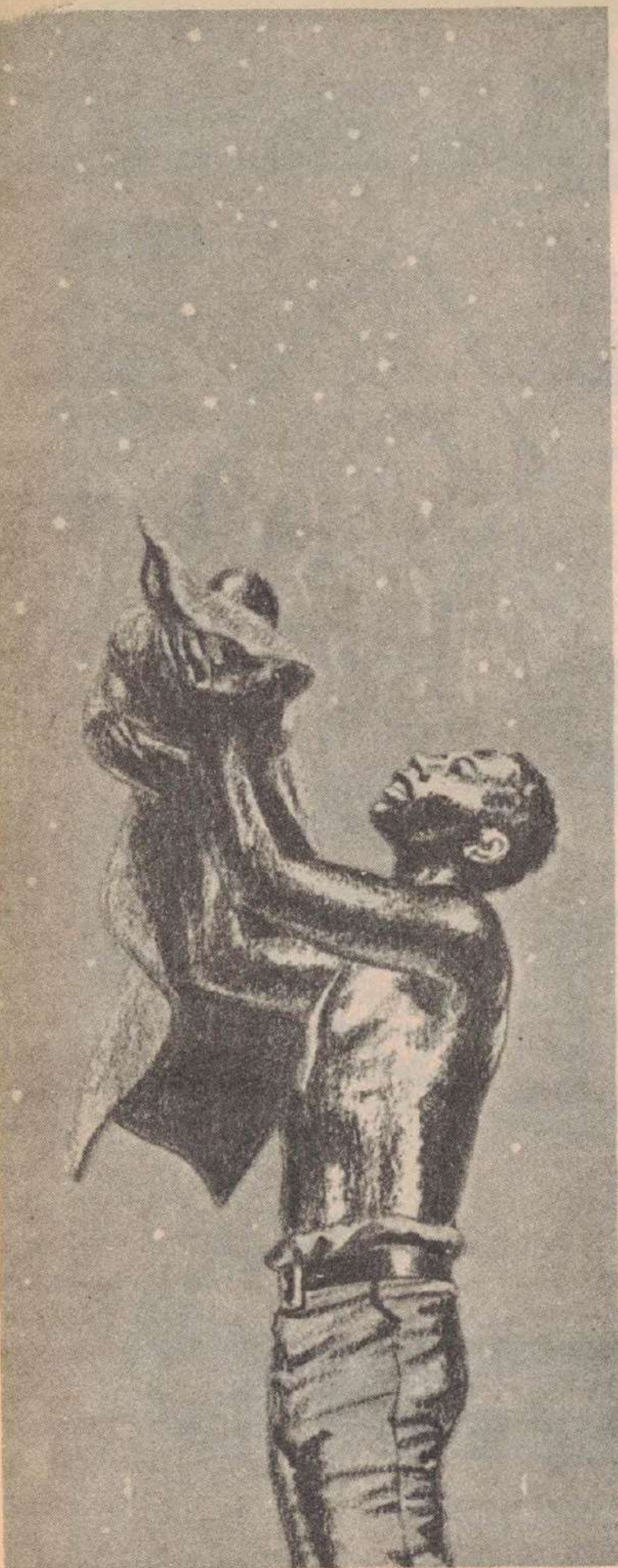
Bairro _____ ZP _____

C.E.P. _____ Cidade _____ Estado _____

Grátis

SOLICITE
CATÁLOGOS
ILUSTRADOS:

OCCIDENTAL SCHOOLS
Rua Capitão Salomão, 59
01034 São Paulo - SP



fessou que Kizzy o havia ajudado. «Você conhece muito bem minha lei», disse a Bell. «Ela tem de ser vendida.» Bell fugiu para sua cabana gritando.

Quando Kunta regressou de um trabalho com a carroça, o «sinhô» Waller levou-o para um pequeno quarto na casa grande e contou-lhe o que dissera a Bell.

Kunta voltou para a cabana des-norteadado. Não podia realmente compreender o que o patrão havia dito. Sua Kizzy vendida? Era inconcebível. Ao ver Kunta, Bell começou a gritar: «Num levem minha fia! Num vende minha fia!» A verdade brotou, e toda a amargura que sempre estivera latente em Kunta fervilhou de novo, tudo que sempre sentira a respeito dos *toubob* e que nunca deixara de sentir naquela terra cruel.

O xerife voltou no meio da tarde, acompanhado de um mercador de escravos. Este entrou na casa e saiu segurando uma cadeia presa a grilhetas em volta dos pulsos de Kizzy, em prantos.

Bell saiu correndo de sua cabana: «'Ocê fez mesmo isso?» perguntou à filha. O rosto de Kizzy parecia uma máscara de dor. Era evidente que ela tinha ajudado o negro a fugir.

«Oh! Deus, piedade, sinhô!» gritava Bell. «Ela num sabia o que tava fazeno! Num sabia! Pur favô, sinhô! Pur favô! *Pur favô!*»

O «sinhô» Waller foi categórico: «Mal é mal. Vocês sabem minha lei. Já a vendi.» Acenou ao mercador de

escravos, que começou a puxar Kizzy para a carroça. Nesse momento, Kunta pulou para a filha, agarrando-a com muita força pela cintura, apertando-a como se quisesse esmagá-la. «Mi sarva, *Fá!*» gritou ela.

A coronha da pistola do xerife bateu violentamente na cabeça de Kunta, e este caiu de joelhos, atordado. Viu vagamente o mercador de escravos empurrando Kizzy para dentro da carroça, o corpo dela se debatendo para um lado e para o outro, tentando fugir. A carroça foi ganhando velocidade e Bell esforçou-se por ir em sua perseguição. Kizzy ia gritando.

Kunta correu para onde Kizzy estivera pela última vez. Curvou-se, juntou na palma das mãos o pó de suas pegadas. Os espíritos diziam que, se ele conservasse aquele pó, os pés dela voltariam àquele lugar.

Correu com a terra nas mãos para a cabana da senzala. Tinha de guardá-la em lugar seguro. Seus olhos encontraram a cabaça cheia de pedrinhas. Largou a terra de lado, pegou a cabeça e despejou-a, batendo com ela contra o chão sujo. A cabaça desfez-se em pedaços, e as pedras, que tinham sido seu calendário, que marcaram as chuvas de sua vida, espalharam-se em todas as direções.

«Ele era africano»

O MERCADOR de escravos vendeu Kizzy a um homem chamado Tom Lea, que a levou para uma pequena

plantação na Carolina do Norte. Seu novo patrão violentou-a e ela teve um filho chamado George. Kizzy, primeiro, ficou desgostosa por ele ser mulato, mas por fim habituou-se a não pensar mais nisso.

Quando George fez quatro anos, sabia que seu avô era africano. Uma vez que poucas crianças escravas na plantação de Lea conheciam seus pais, George insistiu com a mãe para lhe contar mais coisas sobre o homem que tinha dito que seu nome era «Kunta Kin-tay», que chamava um violino ou uma guitarra de «*Ko*» e um rio de «*Kamby Bolongo*».

«Donde ele veio?» perguntava George.

«Ele era africano, já te disse!»

«Que espécie de africano, mãe? De que lugar, na África, ele era?»

Kizzy, lembrando que o pai lhe havia dito para contar a seus filhos de onde tinham vindo, explicou a George como Kunta Kinte havia saído de uma aldeia chamada Juf-fure, à procura de madeira para fazer um tambor, quando quatro homens o capturaram, o puseram num barco e o levaram para um lugar chamado «Naplís».

Em 1827, quando George tinha 21 anos, «saltou a vassoura» com uma moça chamada Matilda. Entre 1828 e 1840, tiveram sete filhos. Sempre que um nascia, George reunia toda a família em sua cabana. Com o recém-nascido nos joelhos, os filhos mais velhos em torno da

lareira, ele inculcava em seus espíritos a história do bisavô, «o africano que dizia que seu nome era 'Kin-tay', que chamava uma guitarra de 'Ko' e um rio de 'Kamby Bolongo' e que tinha saído a procurar madeira para um tambor, quando...»

Os filhos de George e Matilda cresceram, cada um deles começando a trabalhar no campo, logo que chegavam à idade disso; todos, exceto o quarto filho, Tom, que se tornou ferreiro. Em 1856, «sinhô» Tom Lea teve de enfrentar uma época difícil e foi obrigado a vender seus escravos. Seguiram todos para uma plantação de fumo no condado de Alamance, pertencente ao «sinhô» Murray.

Lá, em 1858, o ferreiro Tom casou com uma mestiça, uma moça meio *cherokee*, chamada Irene. À medida que Irene ia tendo filho após filho, Tom fez o que seu pai fizera, e sua avó Kizzy antes dele, falando a seus filhos sobre o africano, cujo nome era «Kin-tay». Passados os anos, difíceis e amargos, da guerra civil, tornaram-se livres, mas não tinham nenhum pedaço de terra para onde ir; por isso, ficaram na plantação de Murray, mourejando com os Murrays brancos e os Murrays pretos juntos.

Depois, em 1872, George conduziu uma caravana de 29 carroças de famílias negras, do condado de Alamance, Carolina do Norte, através do desfiladeiro de Cumberland, para Henning, no Tennessee. A última carroça era guiada por seu filho ferreiro, Tom Murray, que le-

vava em sua companhia a mulher, Irene, e mais sete filhos. O mais novo era uma menina de dois anos chamada Cynthia.

Essa menina era minha avó. No seu colo, ouvi pela primeira vez a história do «africano» Kunta Kinte, o que me levou a buscar as raízes de minha família.

Hoje, a família Haley continua a refletir, em microcosmo, as atitudes em transformação e as oportunidades dos negros norte-americanos. Simon, pai do escritor Alex Haley, trabalhou como bagageiro eventual em vagões-leitos, freqüentando ao mesmo tempo a Universidade Agrícola e Técnica Estadual em Greensboro, Carolina do Norte. No verão de 1916, fazendo a viagem de Buffalo para Pittsburgh, Simon Haley tornou-se amigo de R. S. M. Boyce, diretor aposentado da Curtis Publishing Company. Posteriormente, Boyce contribuiu com o dinheiro que permitiu a Haley formar-se e ir para a Faculdade de Agricultura e Ciências Biológicas do Estado de Nova York, na Universidade Cornell, a fim de obter um diploma de estudos superiores. Depois disso, ensinou em pequenas faculdades para negros, no Sul dos Estados Unidos.

A mãe de Haley, Bertha, era professora primária. Ele tem dois irmãos, George W. Haley, diretor-adjunto da Agência de Informações dos Estados Unidos, e Julius C. Haley, arquiteto naval. Desde que se aposentou da Guarda Costeira dos Estados Unidos, Alex Haley tem-se dedicado, com êxito crescente, a escrever livros, artigos para revistas e roteiros para filmes. ▲

GARANTIA DE SATISFAÇÃO TOTAL

Sua satisfação total é o nosso principal objetivo. Se você não ficar satisfeito com sua compra—seja por que razão for—pode devolvê-la no prazo de 10 dias e será integralmente reembolsado.



DESTAQUE AQUI

CARTÃO RESPOSTA
COMERCIAL
AUTORIZAÇÃO N.º 977
RIO/DR/RJ

CARTÃO RESPOSTA COMERCIAL

NÃO É NECESSÁRIO SELAR ESTE CARTÃO

O SELO SERÁ PAGO POR



BORGES & DAMASCENO

Caixa Postal N.º 19.000

ZC 14/20000/Rio



8-A

DESTAQUE AQUI



**Parece ser muito
linda para ser uma
cozinha, foi feita com
os laminados
decorativos marca
FORMICA®**



laminados decorativos

Os laminados decorativos marca FORMICA® podem tornar sua cozinha tão convidativa quanto o cômodo mais bonito de sua casa. Porém, mais do que a beleza, mais do que a originalidade decorativa, apresentadas pelas revistas de decoração, a marca FORMICA® significa ainda muitos anos sem preocupações com a sua manutenção e grande economia de tempo. Nada de junções que acumulam sujeira. Superfícies que são totalmente resistentes a manchas, arranhões e até a queimaduras de cigarro. É o padrão atual de elegância prática.

Como dona de casa caprichosa, você pode se informar melhor sobre os laminados decorativos marca FORMICA®. Escreva-nos solicitando literatura gratuita sobre como usá-los na decoração, ou então, visite o seu revendedor FORMICA®. Ninguém no mundo lhe oferecerá maior variedade de cores e padrões.

Se é feito com os laminados decorativos marca FORMICA®, é bem feito.

Cyanamid Química do Brasil Ltda., Divisão Formica, Caixa Postal 1039, Rio de Janeiro.

® Marca de Comércio Registrada da FORMICA Corporation



HMK-419

Para o deleite de ouvir,
inclusive as próprias criações

° Ambiente Sonoro de SONY

gravação, é apenas uma de suas vantagens. Porque há muito mais. ●Nova caixa acústica com 2 alto-falantes, que amplia ao máximo o raio de alcance do tom grave. ●Um sistema matrix de conversão de 4 canais, embutido no aparelho, permitindo o uso, quando se queira, de 4 caixas acústicas (com opção, portanto, de 2 caixas adicionais). ●Comutador de voltagem adaptável em todas as partes. ●Assim, esta avançada tecnologia de som aumenta ainda mais o prazer de ouvir.

●Potência de 50 watts fazendo com que a música inunde toda a sala. ●A versatilidade de três fontes de som em um só aparelho: receptor de rádio estereofônico FM/AM/SW₁/SW₂, toca-discos com mudança automática e gravador cassette. ●A facilidade de manejo, graças a uma escala precisa de sintonia e ao sistema SONY-O-MATIC de controle do nível de

SONY